

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

**INQUÉRITO AGRÍCOLA
E
FLORESTAL**

**CONCELHO
DA
MOITA**

1951

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INQUARTAMENTO AGRÍCOLA - FLORESTAL

A.O.

CONCELHO DA MOLTA

Realizado por

Vitorino Cardoso Valente = eng. agrônomo

H. Alves Ferreira = eng. silvicultor

ÍNDICE

PRIMERA PARTE: ESTUDIO GEOGRÁFICO

Pág.

I - CARACTERÍSTICAS GENERALES

A - <u>Situación</u>	3
B - <u>Características fisiográficas</u>	4
a)-Topografía	3
b)-Geología e agrogeología	4
c)-Zonas agrícolas	6
C - <u>Agua</u>	7
a)-Cursos de agua	7
b)-Otros recursos aquíferos	8
D - <u>Vías de comunicación</u>	9
a)-Vías a construir	9
b)-Encargos de transporte	10

II - AGRICULTURA

A - <u>Culturas e técnica cultural</u>	12
a)-Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importânciia relativa e finalidades	12
b)-Afincamientos e rotaciones tipo	16
c)-Técnica cultural	18
B - <u>Materia orgánica</u>	21
a)-Estrumes	21

b)-Lixos	23
c)-Siderurgia	25
d)-Outras fontes de matéria orgânica	26
 C - <u>Máquinas e alfaias agrícolas</u>	26
 D - <u>Doenças e pragas</u>	29
 E - <u>Indústrias agrícolas</u>	32
a)-Óleicola	32
b)-Viniçcola	32
c)-Indústrias derivadas das frutas	34
d)-Indústrias derivadas dos produtos hortícolas ...	34
e)-Apicultura	36
f)-Cericiultura	36
g)-Indústrias agrícolas de carácter familiar	36
h)-Outras indústrias agrícolas	36
 F - <u>Quantidades e valores</u>	
a)-Quantidades unitárias de semente	37
b)-Produções unitárias médias	37
c)-Equivalença das medidas concelhias	38
 III - PRODUÇÃO E CONSUMO	
 IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS	
A - <u>Habilidades</u>	41
B - <u>Períodos de destino e suas tendências</u>	42

IV - Acção das pressões associativas	44
V - TRABALHO RÚSTICO	
A - Salários	46
B - Movimentos migratórios periódicos	48
C - Crises do trabalho	50
VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO	
A - Tipos de propriedade	51
B - Valores venais médios	52
C - Formas de exploração	53
VII - CONSTRUÇÕES RURAIS	
A - Silos	57
B - Nitreiras	57
C - Alçamentos de animais	58

SEGUNDA PARTE: INUENTO FLOROSTAL

I - IMPORTÂNCIA FLOROSTAL DO CONSELHO

A - Importância e situação dos meios florostais	60
--	-----------

B - Importância e situação das essências disponibilizadas constituinte povoados de área muito reduzida	... 61
C - Importância económico-social da silvicultura	62
 II - A DESLOCAÇÃO E A PROPRIEDADE MATERIAIS	
A - Conceito regional da extensão da propriedade florestal	64
B - Técnicas culturais empregada	64
 III - ALIMENTAÇÕES TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, INCULTOS E BALDÍOS	
A - Transformação cultural	74
B - Incultos	74
C - Baldios	75
 IV - FIXAÇÃO DE TERRENOS ENCOLORADOS - COMÉRCIO TERRITAL : 76	
V - ASSETOS DIVISOS	78
 ENCERCA FAZENDAS: OS PROBLEMAS DO CONCELHO	
I - ALMACEGAMENTOS E COMERCIALIZAÇÃO	82
II - PONTO ECONÓMICO DA PRODUÇÃO	84

III - MATERIA ORGÂNICA	55
IV - MECANIZAÇÃO DA LAVOURA	57
V - ÁGUAS	58
VI - VIAS DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTES	59
VII - PROBLEMAS DIVERSOS	61

P R I M E R A P A R T E :

Z E Q U A Z O A E S O N Ó M I C O

Algunos de los más célebres poetas de la literatura mexicana han dedicado versos a este hermoso rincón del país.

En el libro "Méjico en verso", de José Gutiérrez, se incluye el siguiente:

I - CARACTERÍSTICAS GERAIS

A - Situação

Situado em altura de 100 a 120 m., sobre terrenos de tipo calcário e arenoso, na planície que, das serras de Palmela, do Anjo e de S. Francisco, desce suavemente para o Norte, até morrer nas margens do Tejo, situa-se o concelho da Moita. Tem como limites:

- Norte, o "esteiro" comum de Montijo, Sarilhos, Moita e Alhos Vedros;
- Sul, o concelho de Palmela;
- Nascente, o de Montijo;
- Poente, o de Montijo e Barreiro.

É o típico concelho da "Outra-Banda" e constitui-o duas freguesias, com a área total de 5.184 hectares.

Ocupa uma faixa de terra entre o Tejo e o Rio Tâmega, que se

estreita quando passa pelas Louras e Ferreiros, e só se alargue

B - Características fisiográficas

O solo é fértil e fértil, que no concelho palmeirense é de cultivo.

a) - Topografia

Os solos predominantes apresentam os seguintes tipos: arenito, calcário, argiloso.

Os pontos de cota mínima situam-se junto aos braços do rio Tejo; na Arrociada, no limite a sul com o concelho de Palmela, localiza-se o de máxima altitude, 66 m..

Tem o declive médio, no sentido Norte-Sul e na sua maior extensão de 0,7%, que sobe para 1,5% quando se tomam como limites os pontos mais próximos de cotas extremas, devendo a curva de ní

vel de 27 m., definir, com relativa aproximação, a altitude média.

Não aparecem diferenças orográficas que impliquem a sua divisão em zonas de altitudes, embora apresente uma certa ondulação orientada no sentido Nascente-Poente por cujos vales correm as linhas de água na direcção do Tejo.

b)- Geologia e agrologia

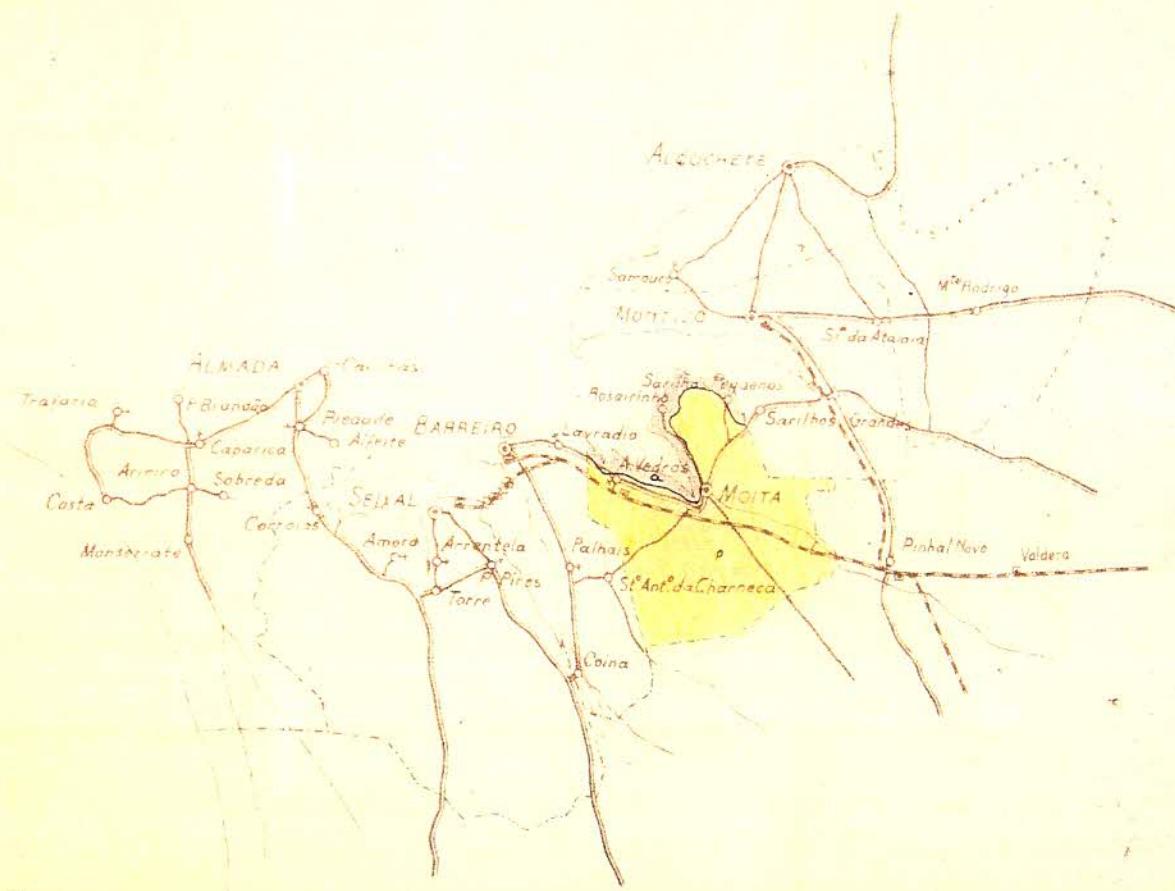
Ao plioceno pertence a quasi totalidade da área do concelho, constituindo o seu substratum, em que assentam os extratos mais modernos. Daquela formação aprece a série do euplioceno, também designada por "assentada do Alfeite", limitada a Norte pela faixa costeira das formações quaternárias e, a sul, por uma linha que partindo do Cabeço Verde, junto a Santo António da Charneca (concelho do Barreiro) vai, quasi em linha recta, até ao Pinhal Novo, passando pelas Formas e Ferreiros. A sul desta linha encontram-se as formações da série do neoplioceno, ou "assentada da Aldeia do Meco", que se continua pelos concelhos do sul. Nelas encravados aparecem os Cabeços da Arrociada, António Gomes, Formas e outros, de formações da série anterior.

Estas assentadas apresentam constituições muito variadas; assim

- o euplioceno ou plioceno inferior é formado por camadas diversas de grés semi-grosseiros e mesmo grosseiros, com cimento argilo-ferrugíneo e caixas rolados quarteados de cor

CONCELHOS DE ALMADA, SEIXAL, BARREIRO, MOITA E ALCOCHETE

ZONAS GEOLÓGICAS



Pliocenico

a Aluviações

Escala - 1:250.000

cerácea, esverdeada, amareloada, acinzentada, com saibros constituídos por argilas misturadas de grãos quartzosos, apresentando leitos de seixos quartzosos.

— o neoplioceno ou plioceno superior contém camadas de argila amarela, roxa e vermelha, grães finos, micáceos, e com seixos e camadas de grães intermédios com seixos quartzosos, de cor amarelada, alaranjada, avermelhada, acinzentada, etc..

No limite Norte do concelho destacam-se os mouchões e lodos do quaternário que, pela sua natureza, podem ser turfosos, argilosos, arenosos e mistos, localizando-se no curso inferior dos ribeiros e no litoral do estuário.

As mais importantes formações desta origem são as compactas dos mouchões e lodos, constituídas por finíssimas e quase microncóticas partículas coloidais, de cintura com fragmentos finíssimos de quartzo, em camadas alternadas de areia lodosa e lodo silícioso; resíduos de plantas marinhas e bancos de conchas de ostras, em geral só visíveis na baixa-mar.

O sal marinho impregna toda esta massa, que precipita e aglutina; por vezes forma efflorescências brancas (alcali branco) nas superfícies a seco.

A coloração destas argilas vai do pardo e cinzento, ao azul-lado e negro.

Os solos são de formação local, com exceção de pequenas manchas situadas no curso inferior de algumas ribeiras e junto

às praias do esteiro, que o limita pelo Norte.

A profundidade dos solos agrícolas é muito variável, com predominio dos medianos e profundos; contudo quando se apresentam originariamente baixos, pode facilmente aumentar-se por meio dos instrumentos aratórios vulgares porque a penetração é relativamente fácil.

Os solos delgados assentam em camadas impermeáveis de argila mais ou menos grosseira, grès ou surrâipa, a qual pode apresentar-se em extracto contínuo ou constituindo nódulos.

A variação constante da profundidade dos solos agrícolas é característica específica de todos os que assentam nas formações pliocénicas. O facto é mais notável nos originários da série inferior.

Na generalidade, os solos apresentam-se de textura arenosa e podemos classificá-los, aproximadamente, da seguinte forma:

Solos de textura arenosa, com variadas graduações ..	5.030 ha.	ou 98,0%
" " " franco-arenosa	78 ha.	" 1,5%
" " " franca	<u>26 ha.</u>	<u>0,5%</u>
	5.184 ha.	" 100,0%

c)- zonas agrírias

Agricolarmente o concelho é uma só unidade, cuja diferenciação notável só reside na existência de manchas regadas, de extensão muito variável, constituindo mosaico, em contraste com as ter-

reas de sequeiro; as manchas regadas situam-se, em geral, nas zonas mais planas, próximo das linhas de água.

Oscidentes geográficos existentes ocupam as áreas aproximadas seguintes (estimativa):

várzeas	104 ha.	ou	2%
vela	518 ha.	"	10%
encosta	2.072 ha.	"	40%
plana	2.490 ha.	"	45%
	<u>5.184 ha.</u>	"	<u>100%</u>

C - Águas

a)-Cursos de águas

O concelho é atravessado, no sentido Sul-Norte, por linhas de água, conceitualmente paralelas, que terminam nos "colos" que partem do esteiro do golfo do Montijo; as mais importantes são as que terminam junto a Alhos Vedros, Moita e Moinho do Férmo, este no limite do concelho de Montijo. Por serem de regime permanente não aproveitadas, na época da estiagem, na rega das terras marginalis por meio de açudes de derivação e, num ou noutro caso, por estações de bombagens e norias, havendo então necessidade de construir poços ou depósitos que recebem a água directamente para ser elevada; estas construções servem de reguladores de caudal, para eficiente rendimento das máquinas elevatórias.

Estes recursos aquíferos encontram-se aproveitados integralmente, não havendo possibilidades de aumentar a área regada.

Todos estes cursos de água necessitam, em extensão maior ou menor, de correção de margens para defesa dos terrenos marginais, quando as águas das chuvas são abundantes e algumas das "valadas" de defesa por se encontrarem em geral revestidas de abundante vegetação, que se opõe à livre passagem, nos seus leitos naturais.

b)-Outros recursos aquíferos

Para rega ainda se recorre às águas obtidas por meio de poços, charcos e furos artesianos, cuja importância relativa é a seguinte, com base na área regada:

charcos	50%
poços	40%
furos artesianos ..	<u>10%</u>
	100%

Por meio de furos e poços afigura-se-nos ser possível levar ao regadio a superfície das terras do concelho que apresentem textura apropriada.

A profundidade dos poços pode variar de 4 a 25 metros, enquanto que os furos artesianos podem ultrapassar os 100, forneci-

condo ainda água em condições de aproveitamento económico, visto os caudais podermos ultrapassar 12 l/s.. Na generalidade, estas águas devem ser elevadas porque o nível piezométrico não atinge a superfície do terreno.

A água é elevada por qualquer dos seguintes sistemas, cuja importância, em relação à área total que regam, pode ser definida aproximadamente da forma seguinte:

Moto-bombas	60% (numerosas)
Noras	20% (algumas)
Picotas	20% (numerosas)
Electro-bombas	poucas
Aero-motores	poucas
Compreensores	poucas

Para confirmar a impressão que temos das grandes possibilidades dos recursos aquíferos subterrâneos, convém efectuar estudos hidrogeológicos em todo o concelho cujos solos apresentem textura que permite a rega económica.

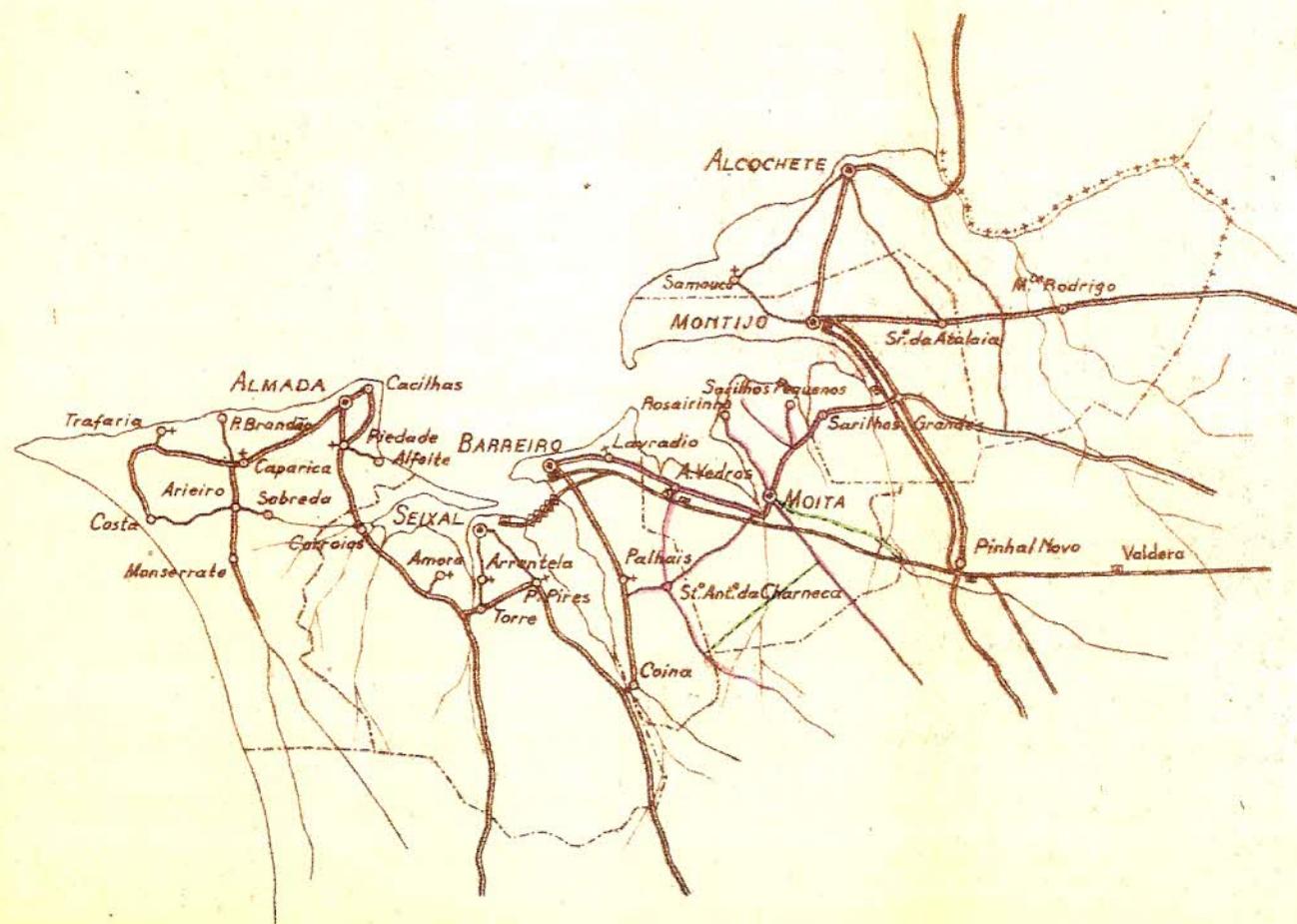
D - Vias de comunicação

a)-Vias a construir

O concelho é dotado de regular rede de estradas mas necessita, contudo, de mais algumas, com o fim de facilitar a saída de produtos e o transporte de fertilizantes, designada-

CONCELHOS DE ALMADA, SEIXAL, BARREIRO, MOITA E ALCOCHETE

VIAS DE COMUNICAÇÃO



Estradas construídas

» a construir

Escala - 1:250.000

mente dos "Lixos" ou "Lamas" de Lisboa, etc..

As duas vias que entendemos mais urgentes e necessárias tem por fim:

- ligar o Pinhal das Formas, na estrada Moita a Palmela, com a Penalva, no concelho do Barreiro, que se continua por uma já existente, para Coim, etc..
- ligar directamente a Moita com o Pinhal Novo, para continuar pelo concelho de Palmela até Águas de Moura; seguirá aproximadamente o traçado da "estrada dos espalhais", a antiga via romana de Lisboa a Cadiz.

A primeira terá o desenvolvimento aproximado de 6 km. e servirá uma zona onde os transportes são difíceis e a intensificação cultural atingiu quase as possibilidades máximas; a segunda, com a extensão aproximada de 7 km., facilitará a ligação entre uma zona agronomicamente rica e a próxima via fluvial, onde é impraticável a viação acelerada nas actuais condições.

b)-Encargos de transporte

O transporte de batata do campo até ao cais de embarque, estação do caminho de ferro ou local de carga das camionetas, quando o caminho não é acessível àquele meio de transporte, faz-se em carros de bois, custando em média 2850 e 4800 por tonelada/quilómetro, ao preço corrente da jefra, dependente do percurso efectuado.

O transporte em camionetas, por tonelada/quilómetro, varia em função da carga do veículo e está compreendido entre 1800 e 1850; a mesma variação se dá na razão inversa do percurso para veículos semelhantes.

Uma tonelada de batata, em barco, custa de qualquer cais do concelho até Lisboa 30000 a 40000 escudos; e sua variação está dependente da carga que se encontra sobre cais com necessidade de transporte.

O custo de transporte dum tonelada de lixo, desde o depósito até à propriedade, feito por gado bovino, custa em média 2050 e 5000 por quilómetro percorrido; o mesmo custo se aplica ao rincão e betata-cimento desde os armazéns, estação de caminho de ferro, cais de desembarque, etc. às terras de cultura.

O transporte dum tonelada de qualquer mercadoria dentro da vila ou da estação, cais de embarque ou desembarque, custa entre 8500 e 10500 por km. percorrido ou fração.

Uma saca de repolho, com o peso aproximado de 30 quilos, paga desde o cais de embarque até ao de desembarque, 1850, acrescidos das despesas de carga e descarga; o mesmo saco, transportado em camionete, custa até qualquer dos mercados abastecedores de Lisboa, 2800.

II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A - Culturas e técnicas culturais

a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

- A sua importância relativa é a seguinte, por ordem decrescente:

Quadro I

Importância económica		
Grande	Regular	Pequena
Batata	Vinha	Centeio
Repolho	Milho	Feijão
	Trigo	Oliveira
	Feijão	Laranjeira
	Ervilha	Damoqueiro
	Cevada	Batata doce
		Citrinos

- Nas terras de sequeiro as culturas arvenses mais importantes são: batata, trigo, milho, cevada, centeio, etc. enquanto que nas terras regadias ainda continua a ser a batata, seguida do milho a grande distância.

- As culturas tradicionalmente consideradas hortícolas, ocupando áreas restritas dum pequeno tamanho - nas proximidades de

residências, às quais se associam as árvores de fruto, o morango, etc. - ocupam aqui extensões consideráveis, tanto nas terras susceptíveis de rega como algumas de sequeiro. Destas, as principais são, por orden decrescente de importância: repolho, feijão, ervilha, fava, tomate, couve, cenoura, etc..

- É a cultura da vinha, de todas as arbustivas exploradas, a que deve merecer interesse na economia agrícola deste concelho, aparecendo ainda, mas com interesse de menor, a do marmeleiro, cujos frutos são aproveitados mas que, em geral, os plantas a fim de consolidar os taludes das vales de rega, de enxugo, etc..

- As plantas arborícolas mais importantes, mas de pequeno interesse na economia agrícola local, são: oliveiras, laranjeiras, damasqueiros, ameixeiros e algumas macieiras, pereiras, etc..

----- + -----

- Para alimentação exclusiva do gado, cultiva-se a cevada, cortada ainda em verde e a variedade da figueira "retardio" ou da "ciência", abóbora, etc..

----- + -----

- As plantas cultivadas permitem, quase todas, aproveitamento de produtos secundários na alimentação do gado da exploração e, por vezes, também para venda. Assim:

Batata tubérculos pequenos ou impróprios para consumo.

Milho e trigo .. cana, canoilo e grão miúdo.

Cevada palhas e grão

Vinha parras e bagaços

Repolho e couve .. folhas

Feijão e ervilha.. palhas

Oliveira rama das podas e bagaços

Figueira fruto impróprio para consumo

Fava palha e fruto seco

Tomate fruto impróprio para consumo

----- + -----

As plantas cultivadas que mostram melhor adaptação às condições do meio físico são:

Quadro II
Espécies melhor adaptadas

Arvenses e hortícolas		Arbustivas	Arbóreas
Sequeiro	Regadio		
Batata	Batata	Vinha	Damasqueiro
Trigo	Milho	Marmeleiro	Laranjeira
Feijão	Batata doce		Ameixieira
Ervilha	Repolho		Oliveira
Centeio	Couve-flor		
Cevada			
Fava			

----- + -----

- Variedades mais aconselháveis para as culturas mais importantes:

- batata de sequeiro = variedades temprão, pouco atreitas ao mildio e com relativa resistência à secura, como por exemplo Arran-Banner, Vosan, Pepo, etc..

- batata de regadio = qualquer variedade indicada entre as mais resistentes ao mildio e que ofereça melhores condições de armazenamento.

- trigo = entre as variedades cultivadas em rotação com a batata as que oferecem melhores condições são o Quaderna, o Romano e o Precoce de Itália.

- feijão = para as terras de sequeiro as variedades temprão ainda são as mais indicadas e, entre estas o "pato-réco", o "anana" e, para as terras regadas, o "rei das feijões" de trepar.

- milhos = para as terras regadas estão indicados os híbridos, essencialmente escolhidos entre os de menor ciclo; para as de sequeiro, em rotação com a batata, julgamos mais aconselhável o regional ou "canacinho".

- damascoiro = desta espécie a variedade mais difundida é o "cabeça de cobra", mas qualquer terá boa adaptação e será tanto mais de aconselhar quanto mais volumosos forem os frutos.

- laranjeira = as variedades de Setúbal e Beira estão bem adaptadas mas qualquer outra oferecerá vantagens, desde que seja de maturação temprão.

- ervilha = faz-se esta cultura em sequeiro, nas terras arenosas bastante pobres, sendo escolhidas as variedades temprão e anfio; a semente deve importar-se todos os anos, sendo de preferir a proveniente de zonas de altitude.

----- + -----

Não encontramos interesse em fomentar qualquer das culturas já praticadas, havendo, no entanto, interesse em introduzir algumas novas, destinadas à produção de forragens, e que possam explorar-se sem prejuízo da área de cultura das espécies que mais interessam à região.

Entre as culturas a introduzir, ocupam o primeiro lugar o "bersim" e a "serradela", a primeira para as terras de maior fertilidade e com possibilidade de rega isto é, nos "brejos", nas restantes, a segunda.

----- + -----

- Com as pequenas modificações indicadas a estrutura económica e social do concelho é benéficamente alterada sem, contudo, apresentar efeitos muito aparentes.

b)- Afolhamentos e rotações tipo

Na exploração agrícola corrente praticamente só há as folhas que correspondem aos tipos de terra de fertilidade distinta, d. rotações específicas para cada uma. Em geral reduzem-se a

dúas, a das terras regadas e a das de sequeiro.

As rotações mantêm-se fixas para a mesma folha, embora se verifiquem, de quando em vez, certas alterações, que provêm, normalmente, das condições comerciais desfavoráveis verificadas na época da colheita e que conduz a resultado económico desfavorável.

1) - Rotação das terras regadas: batata-repolho

Esta rotação pode interromper-se durante um ou dois anos, com a cultura do trigo.

Sucedem, muitas vezes, substituir-se a cultura de repolho pelo da batata estival, que vai para a terra na altura em que aquela iria, para a rotação continuar nos anos seguintes, sem outra alteração.

2) - Rotação das terras de sequeiro que mantêm suficiente humidade durante os períodos críticos das culturas primaveris.

1º. ano - Batata-milho

2º. ano - Batata-milho com feijão

3º. ano - Batata-Batata doce

Como para a rotação das terras anteriores esta pode ser interrompida durante um ou mais anos, pela cultura do trigo e, mais raramente, pela da cevada para verde ou grão.

Por vezes o motivo da interrupção da rotação é também para "desenjalar" a terra sujeita a uma só cultura durante anos seguidos.

3)-Rotação das terras de sequiço

1º. ano - batata	1º. ano - batata
2º. ano - batata	2º. ano - trigo
3º. ano - batata	3º. ano - cevada
4º. ano - trigo	4º. ano - fava
1º. ano - ervilha	1º. ano - ervilha
2º. ano - ervilha	2º. ano - centeio
3º. ano - ervilha	pousio 3 a 5 anos
4º. ano - pastagem	

De futuro, em rotação com a batata, nas terras regadas ou que mantêm certo grau de humidade natural suficiente, pode introduzir-se a do linho para óleo ou fibra, desde que seja convenientemente solucionado o problema comercial.

c)- Técnica cultural

Batata

Na cultura regada após o "levante" do repolho, de meados de Janeiro até fins de Março, faz-se a distribuição da "lama" de Lisboa ou espalhamento, seguida de levoutra ou de cava, se as árvo-

ao são dinizutes. Terminado este trabalho, procede-se à "derregar" ou abertura de valas que separam as "courcelas", "leires" ou "belgas", para facilitar o enxugo durante a época das chuvas e, mais tarde, a rega; estas valas designam-se na região por "obertas".

Depois de "accourulado" o terreno procede-se à plantação dos tubérculos, que nun ou noutro caso já vai abrolhado nas melhores condições técnicas. A plantação faz-se à enzada, da forma seguinte: abre-se, no sentido normal às "courcelas" um rego ou "estôno", de largura dos espaços compreendidos entre duas futuras linhas de plantas; em seguida distribui-se bagaço de ricino, purgueira ou farinha de trencôço no fundo do estôno e cobre-se com uma camada de terra de pequena espessura, para que o tubérculo não contacte com o fertilizante.

Com a terra do "estôno" seguinte cobre-se o anterior, fixando o tubérculo sob uma camada de terra de cerca de 7 ou 8 cm.

A largura dos "estônos" e das futuras linhas de plantas varia entre 0,46 e 0,60 m., mantendo-se constante este espaçamento entre as linhas por meio duma medida de "caniço", designada "bitola".

A distância das plantas nas linhas varia entre 0,28 e 0,45 m., alargando-se à medida que a plantação vai sendo mais serrâda.

Ao terminar a plantação faz-se a limpeza e aperfeiçoamento das "obertas" para que as águas passem livremente, quando abundantes.

Passados três a quatro meses realiza-se a "ancinlhagão" ou "arrasação", para quebrar a "crosta" que se forma e que dificulta a saída das primeiras folhas.

Dois meses após a plantação segue-se a cache, que eliminará as ervas espontâneas, servindo ao mesmo tempo para enterrar os adubos azotados de cobertura - sulfato de amónio e nitrato de sódio - e a semente de feijão e milho, nas terras que não levam repolho.

A amontão ou "rechega" faz-se por vezes simultaneamente com a cache, mas o mais geral é seguir-se passados quinze a vinte dias.

Durante o ciclo evolutivo regr-se, quando é necessário, e aplicam-se os tratamentos preventivos contra o mildio.

Na colheita não se aguarda a "maturação" do plasto, isto é, arranca-se com a planta ainda verde para "evitar" os ataques da "traga", quando seja necessário armazená-la, mas principalmente para conferir os melhores preços do início da colheita.

O poder de conservação da batata em armazém é geralmente muito reduzido, mesmo sem contar com os intensos ataques da "traga" que se observavam quando a lavoura não dispunha ainda de eficientes meios de combate àquela praga e que atribuímos à colheita prematura, à quase absoluta ausência de adubações potásicas e fosfatadas e à que não são alheias, também, as características das variedades mais difundidas.

B - Materia orgânica

S nos lixos de Lisboa, Barreiro e povoações do concelho que a lavoura da região vai procurar mais de 95% da matéria orgânica fertilizante que permite manter em cultura intensiva as suas terras; contudo, ainda aproveita os estrumes de curral, compostos de matos, palhas de cereais e restos de outras culturas. Usa, também, intensamente os bagaços de ricino e purgueiro, bem como a farrinha de trevoço, que adquire no Alentejo.

O "bornico" é outra fonte de matéria orgânica que o agricultor aproveita, mas que neste concelho ainda tem pouco desenvolvimento; trata-se do conjunto de objectos líquidos e sólidos recolhidos nos estábulos ou "malhadas" onde são mantidos os porcos em engorda industrial.

Como o seu pavimento ao ar livre é de cimento, e o interior de areia, há, assim, a possibilidade de efectuar a sua limpeza diária ou "rapação". A camada de areia da parte coberta é retirada de vez em quando, utilizando-a na fertilização das terras como adubo localizado e tem a designação de "areia das sombras".

a)- Estrumes

Como se pode deduzir os estrumes produzidos são em quantidade insuficiente para as necessidades porque as quantidades a incorporar por unidade de superfície têm de ser muito elevadas, devido às características do solo, clima e intensificação cultural,

que provocam a sua rápida combustão.

As deficiências são supridas com lixos, bagaços, etc..

Não se exportam estrumes do concelho, mas os industriais de "malhas" vendem o "bormico" à razão de 300\$00 a 350\$00 a carreta de 36 caminhões, e a mesma quantidade de "areia dos sítios", a 120\$00 a 150\$00.

Nas casas do gado utilizam-se algum mato, palmas, raízes das vinhas e vegetação espontânea, que fica depois das cavas, cocheas, etc.. Nas deficiências de matos porque a área de incultos e pasto é insuficiente, atendendo ao elevado número de cabeças de gado existente.

Como os efectivos de gado caprino e ovino são reduzidos não há condições para efectuar estrumizações a "barde".

Não julgamos que seja economicamente possível o aumento do volume de estrume actualmente produzido, pelo menos até ao ponto de ser visível esse acréscimo, porque só poderia conseguir-se à custa do aumento dos efectivos pecuários, o que implicaria redução da área da cultura da batata e de mortaliças.

Os estrumes das casas dos gados são empilhados nas proximidades dos estabulos à espera de oportunidade de transporte.

Poderiam melhorar sensivelmente se fossem empilhados em plataformas impermeáveis, providas de fossos para armazenar os líquidos escorridos dos estabulos, que serviriam para os regar oportunamente. Para evitar os efeitos dissecantes do sol durante o es-

tio, as plataformas deveriam ser protegidas por uma cobertura ele-
mentar, formada, mesmo, por uma parreira ou planta semelhante.

b)- Lixos

Os lixos das povoações são aprovitados pela Câmara Municipal e pelas Juntas de Freguesias, que os amontoram nas imediações, onde são vendidos às carradas ou em hasta pública.

A curtimento sofrida é espontânea quando se retarda a saí-
da para o campo.

Nos lixos predominam as palhas, dejectos de animais, papéis,
espinhas, etc..

Os lixos camarários são vendidos à razão de 30\$00 a carra-
da de boi ou de 40\$00 a de dois bois, o que dá o preço aproximo-
do, de 30\$00 por tonelada. No último ano rendeu 12.150\$00, equi-
valente a 400 toneladas, aproximadamente.

De Lisboa importam-se mais de 95% dos lixos utilizados na
fertilização das terras, empregando no seu transporte barcos de
margem a margem e camionetas, carros de bois ou muares etc., de
cais de desembarque até ao local de emprego.

Do Barreiro também se importam algumas toneladas de lixo,
transportados em camionete ou carretas de bois.

Custo médio da tonelada, colocado na propriedade:

-de Lisboa até ao cais:

Barco de 70 toneladas, acostado ao cais da Moita	2.000\$00
Descarga para terra	410\$00
Encargo da Câmara Municipal e Guarda Fiscal ...	33\$00
Arrais do barco	20\$00
	<hr/>
	2.463\$00

-transporte à propriedade:

37 carradas a 45\$00	1.665\$00
	<hr/>
	4.128\$00
Custo da tonelada	60\$00
	<hr/>

Outro caso:

-de Lisboa ao cais:

Barco de 40 toneladas, acostado ao cais da Moita	1.300\$00
Descarga para terra	250\$00
Encargo da Câmara e Guarda Fiscal	33\$00
Arrais do barco	20\$00
	<hr/>
	1.603\$00

-transporte à propriedade:

20 carradas a 45\$00	900\$00
	<hr/>
	2.508\$00
Custo da tonelada	63\$00

Quando o lixo é vendido sobre cais a carrada, na Moita, cus

ta 80000 e o seu peso não vai muito além de 1.500 kg..

Como o encargo de transporte é, em média, o mesmo que o calculado nos casos anteriores, resulta o preço da tonelada de 83000, aproximadamente.

Se o lixo é do Barreiro o transporte faz-se em camionete, custando este 45000 no destino; como pesa, em média, mais de 5.500 kg. tem a tonelada o preço de 82000, aproximadamente.

Os lixos destinam-se, principalmente, às culturas de batata e de repolho; no entanto não se faz agricultura neste campo sem ter por base a fertilização com lixo (vinha, ervilha, fava, etc.).

Os lixos recolhidos nas diversas localidades não justificam, pelo seu volume, qualquer medida atinente ao seu melhoramento e distribuição; outro-tanto não se pode afirmar quanto ao de Lisboa, o qual devia ser distribuído por uma associação de lavradores de toda a região interessada na sua utilização, carecendo ser dotada de meios para actuar com eficiência.

c)-Sideração

Não se pratica; contudo tem certo interesse na fertilização das vinhas, onde não é de uso efectuar culturas intercalares, podendo com vantagem utilizar-se a trenocilha. Dever-se-ia, também, procurar introduzir outras plantas de mais rápido desenvolvimento cujo enterramento pudesse antecipar-se com perda de volume, não prejudicando aquela cultura com uma cava relati-

vamente profunda num período de crise biológica.

d) - Outras fontes de matéria orgânica

A Iavoura local recorre aos bagaços de rícino e purgueira para a fertilização localizada da batata e repolho, bem como à farinha de trevoço, principalmente nos terrenos muito arenosos nos estáques dos raios.

Não se fabricam estrumes artificiais por não haver materiais em quantidade suficiente para tal e a sua aquisição, fora da exploração, não se tornar económica, em relação ao preço do liso.

C - Bêquinas e alfaias agrícolas

As seguintes, devidamente classificadas, são as mais importantes:

Quadro III

Frequência	
Grande	Pequena
Carreta de bois	Cultivadores
Charrua	Galera c/ rodas de pneu
Charruoco	Tractores 20 a 60 H. P.
Grade de dentes rígidos	Charruas polifônicas
Pulverizadores de doreo	Escarificadores
	Debulhadores
	Enfardeadeiras
	Derregadores

O tipo de máquina mais indicado para os diferentes serviços deve ser o médio e pequeno; convindo generalizar os carros com rodas de pneu, os tractores da ordem dos 20 cavalos, os escarificadores e derregadores, tornando-se também necessário introduzir algumas destinadas à cultura do batata, tanto para plantação como para colheita, mas que se adaptem o mais possível ao tipo de solo, armação, do terreno, etc..

S, porém, indispensável o pulverizador de pressão para tratamento de fruteiras, vinhos e batatais.

Os pulverizadores de pressão têm interesses, bem como tractores e charruas, para utilização colectiva a qual pode conse-

uir-se através da associação dos Lavradores.

A mecanização da cultura do batata é indispensável, mas é necessário estudar com muita objectividade os tipos de máquinas mais convenientes; neste caso será um sucesso. Pois, porém, de fimso levo, redundará num fracasso pois há que levar em linha de conta a técnica manual perfeitaissima, regional, enraizada no espírito do agricultor através duma ciéncia de experiências feita, ao longo de duas ou três gerações.

D - Doenças e pragas

Quadro IV
Pragas e doenças mais importantes

Piçatas	Pragas ou doenças	Frequência	Prejuízos
Batata	Mildio	grande	Grandes
	Altocárdio	"	Pequenos
	Recaravelho	regular	"
	Broca	"	Grandes, no armazenamento
	Mal surcoado	fraca	Pequenos
	Vírus	grande	Grandes
Rebolho	Zagarte	"	"
	Afídios	"	"
	Percevejo	"	"
	Onicócis	regular	Regulares
Vinhos	Mildio	"	"
	Oídio	"	"
	Algodão	fraca	Fracos
Horto	Broca	grande	Grandes
Laranjeiro	Coccinilhas	"	"
	Formiga	"	"
	Algodão	fraca	Pequenos
Macieira	Pulgão lanígero	grande	Grandes
	Câncro	"	"
	Grilos	"	"
Pereira	Grilos	"	"
	Redrade	"	"
Brvilha	Oídio	"	Regulares
Fava	Rubo de Raposo	fraca	Pequenos

Para combater o mildio da batataeira e da vinha fazem-se cuidadosos tratamentos preventivos, com caldos cárpicas.

Com o enxófre combatem-se o ódio no vinho, efectuando-se, em geral, dois tratamentos.

Na luta contra os insectos empregam-se com frequência os variados insecticidas sintéticos que o mercado tem à venda, sem se procurar averiguar da sua eficácia, de acordo com a praga a eliminar; desse modo são frequentes os insucessos, dando resultado o descrédito indevido de muitos deles.

Seria de elevado interesse instalar um posto de sanitade vegetal, orientado por um técnico dependente da associação dos agricultores e que poderia desempenhar outros serviços. O posto deveria dispor de material e produtos de eficácia garantida, para que o agricultor adquirisse confiança nos seus efeitos e na ação do técnico. A sua missão seria a de orientador da prática dos tratamentos e da sua oportunidade.

Mal marche

Este zona constitui um grande centro difusor da doença, onde os tubérculos provenientes da zona infectada da Serra de Monchique eram multiplicados e vendidos como "batata-semente", destinada principalmente à cultura estival. Com o uso generalizado da "batata-semente" certificada os efeitos da doença não são já de considerar; no entanto não podemos garantir que te-

nha desaparecido dos terrenos onde se manifestou mas já observámos, num campo infectado e plantado novamente no ano seguinte, não se notarem sintomas de mais elevado número de pés doentes; a "batata-semente" proveio, nos dois anos, de regiões produtoras do norte do país. Por estes factos estamos convencidos que o "mal murcho" já não prejudica se continuarem a renovar-se anualmente as "sementes".

Além do mildio, podridão apical e outras enfermidades de menor importância não encontrámos outras de maior interesse no tomateiro.

A vírose do "nó-curto" ainda não foi identificada na vila deira, embora existe uma "doença" designada regionalmente por "degenera da casta Periquito" que nos parece resultar dum desequilíbrio fisiológico, provocado por práticas mal conduzidas e que há interesse em estudar com profundidade.

Como os efeitos não são apreciáveis pouca importância contribui o cerealicultor às ferrugens dos cereais; no entanto não devemos, em certos anos de primaveras húmidas em variedades mais escródicas de trigo.

No cevada, aveia e centeio pode considerar-se raro o seu aparecimento.

P - Indústrias agrícolas

a)-Oleícola

É de pequena importância económica a cultura da oliveira; praticamente não há plantações regulares mas apenas árvores dispersas pelos prédios, bordejando caminhos ou limitando estradas.

O olivicultor vende ou troca a azeitona que produz, destinando-se este ao fabrico de azeite e grande parte da colheita sai deste concelho para os vizinhos, onde é laborada.

Há um só lugar de azeite, ainda de vera, que no período compreendido entre 1942 e 1947 laboreu, em média, 9.434 quilos, que produziram 1.038 litros de azeite.

O rendimento em azeite é, portanto, de 11 litros por 100 kg..

b)-Vinícola

A viticultura segue-se, em ordem de importância económica, à batata e ao repolho, muito afastada, no entanto, de qualquer dasquelas culturas.

Com os manifestos efectuados na Delegação Concelhia da Junta Nacional do Vinho, referentes ao ano de 1944, organizaram o quadro seguinte que mostra a importância relativa dos diversos tipos de vinicultores, distribuídos por classes de produção:

Classes de produção <small>Produção de cobre</small>	Concelho (T mtois)			
	Preço	Produção total	Produção média- dia-lit.	
			\$	kg.
2.500	29,6	115.750	21,6	1.206
2.500 a 5.000	21,8	126.500	23,0	3.614
5.000 a 10.000	11,8	143.200	26,8	7.529
10.000 a 25.000	6,8	130.000	26,0	13.606
Total	60,0	535.450	100,0	3.326

A escolha do ano de 1944 resulta da possibilidade de encontrar um número de produtores, em função do manifesto realizado, mais aproximado da verdade (ano do recolhimento do sulfato de cobre).

Julgamos haver certo interesse na criação de uma adega cooperativa, com o fim de defender o produtor dos preços que o comércio oferece na época da vindima e quem não têm o material

Quadro V

Produtores de leva ou vinho

Classes de produção	Alhos Vedros					Meita					Concelho (Estais)				
	Produtoras		Produção total		Produção média-1st.	Produtoras		Produção total		Produção média-1st.	Produtoras		Produção total		Produção média-1st.
	Nº	%	lh.	%		Nº	%	lh.	%		Nº	%	lh.	%	
2.000	22	68,7	26.000	34,4	1.182	74	57,4	69.750	19,9	1.213	96	59,6	119.750	21,6	1.266
2.000 a 5.000	7	21,9	23.000	30,5	3.286	28	21,7	103.500	22,5	3.696	35	21,8	126.500	23,6	3.614
5.000 a 10.000	3	9,4	24.500	35,1	8.603	16	12,4	116.750	25,4	7.297	19	11,8	143.250	26,8	7.559
10.000 a 25.000	-	-	-	-	-	11	8,5	100.000	22,6	13.626	21	6,8	150.000	28,0	13.626
Total	32	100,0	73.500	100,0	2.359	129	100,0	460.000	100,0	3.966	161	100,0	535.500	100,0	3.926

para vinificar; deveria localizar-se na vila da Boite e teria a capacidade aproximada de 1.500 pipas (750.000 litros).

Os vinhos fabricados neste concelho, mercê de vários factores, apresentam características para serem apreciados pelo comércio grosso; contudo não venho que, por este facto, mereçam especial protecção.

c)-Indústrias derivadas das frutas

Não há qualquer indústria que utilize a fruta como matéria prima e julgamos que não há possibilidade de a fomentar porque as plantações existentes não o justificam nem podem multiplicar-se a esse ponto, tanto mais que lidam consigo com facilidade boa parte dela em maturosa.

d)-Indústrias derivadas dos produtos hortícolas

Não há qualquer indústria ligada à exploração hortícola; contudo a sua instalação talvez possa apresentar promissoras possibilidades no aproveitamento dos produtos que os mercados não absorvem e, por consequência, quando os preços desceem abaixo do preço de custo. Os principais produtos nestas condições são a batata, o repolho, a ervilha, o feijão verde, etc..

Esta indústria deveria revestir o carácter cooperativo, com as características das transformadoras ligadas à produção, devendo localizar-se na sede do concelho, para se tornar mais económica.

tril e de mais fáceis comunicações.

c)-Apicultura

Reducido número de apicultores explora esta indústria, indiferentemente em cortiços ou colmeias, sendo o número dos primeiros mais de 85% do total de unidades existentes.

O número de unidades por colmeal é muito reduzido; na maior parte não ultrapassam 15.

Na unidades bem povoadas a produção média anual pode computar-se em:

- dez litros de mel, por alga, nas colmeias e
- 6,5 kg. de mel e 3 quilos de cera, nos cortiços.

As plantas melíferas são em quantidades muito limitadas, embora numerosas as espécies, porque limitadas são as áreas de matos espontâneos, plantas frutícolas e hortícolas com flor utilizável, arbustivas, etc..

Não existem zonas de pronuncia aptidão para este tipo de indústria. A transumância não se usa porque não há viabilidade nem mezzo, necessidade.

Praticamente todo o mel produzido é consumido localmente, em geral na própria exploração.

Porque as pastagens raramente e os pomares a polinizar não

o justificam não encontramos interesse no fomento da apicultura.

f) - Sericicultura

O bicho da seda não se explora e os habitantes do concelho não se recordam da sua existência com carácter de exploração económica; contudo, tem aparecido alguns indivíduos interessados na sua criação, mas exclusivamente como curiosidade.

A exploração económica não se torna viável, mas pode oferecer certo interesse, com fins meramente didáticos, junto às escolas elementares.

g) - Indústrias agrícolas de carácter familiar

Com tendência para alongamento há a indústria de chacaria que utiliza a carne de porco como matéria prima, adquirida nos mercados das proximidades.

h) - Outras indústrias agrícolas

Existe a da extração de aguardente de bagaço de uva e a de engorda de gado suíno.

Como indústria a fomentar julgamos haver certo interesse na da preparação de amidos de batata, quando os preços no mercado são inferiores ao do custo.

F - Quantidades e valores

c) - Quantidades unitárias de semente

Quadro VI

Cultura	Tipo de solo	Forma de cultura	Uni-dade	Quantidade, por ha.		
				Máximo	Média	Mínimo
Batata	arenoso	sequeiro	kg.	1.900	1.600	1.400
"	"	regadio	Kg.	1.800	1.500	1.400
Trigo	"	secueiro	Kg.	100	70	60
Cevada	"	"	L.	140	130	120
Milho	"	"	L.	30	20	18
"	"	regadio	L.	35	25	20
Breville	"	sequeiro	L.	-	200	-

b) - Produções unitárias médias

Culturas arenosas

Quadro VII

Cultura	Tipo de solo	Forma de cultura	Uni-dade	Quantidade, por ha.		
				Máximo	Média	Mínimo
Batata	arenoso	sequeiro	kg.	16.000	10.500	6.000
"	franco-arenoso	sequeiro fresco	Kg.	25.000	20.000	11.000
"	franco	regadio	Kg.	35.000	28.000	20.000
Trigo	arenoso	sequeiro	L.	2.500	2.200	8.000
"	franco-arenoso	"	L.	-	3.000	2.500
Cevada	arenoso	"	L.	-	2.600	-
Milho	"	"	L.	-	600	300
"	franco-arenoso	sequeiro fresco	L.	-	1.000	-
"	franco	regadio	L.	-	1.500	-

Vinha

Um milheiro da vinha em plena produção dà uma colheita média de 1.100 litros de vinho, quando a sua instalação seja convenientemente efectuada e não se descuram as fertilizações e os enraizamentos. Para os compassos mais correntes as densidades por hectare estão compreendidas entre 4.400 e 3.270 pés, as produções médias por unidade de superfície variam entre 3.600 e 4.900 litros.

A vinha entra na plena produção aos 11 anos e prolonga-se até aos 40, quando se trata dos solos mais apropriados e os ~~an~~^{níos} são cuidadosos. As castas mais apreciadas são a Verquita e a monteira.

Oliveira

Embora esta cultura tenha interesses relativamente diminuídos na economia do concelho, porque a sua produtividade é baixa e é reduzido o número de árvores não frutíferas, contudo, de indicar a sua produção média, quando adulta: cerca de 20 kg. de fruto.

A plena produção atinge-se por volta dos 30 anos, antecipando-se 5 ou mais quando se dispensam os cuidados convenientes.

— + —

Para alimentação do gado cultiva-se cevada, que produz por

lectura cuantidades variáveis entre 8.000 e 15.000 kg. do ma-
tério verde; com o mesmo fim nasce uma figueira de maturação
tarde, designada por "da cífrica" ou "retardio", cujo peso ap-
proxima do fruto, quando adulta, se aproxima dos 300 quilogramas, e
se destina principalmente, à alimentação do gado suíno.

Quadro VIII

Produtos secundários com aproveitamento na alimentação pecuária

Culturas	Produtos	Observações
Batata	tubérculos	pequeno e impróprios para con- sumo
Arroz	palha	
Feijão	pálha e grão	
Tomate	fruto	impróprio para consumo
Repolho		idem, quando o preço não é con- veniente
Figueira	frutos	impróprios para consumo
Vinheta	bagoço	
Sal	pelúcia	

4.-Equivalência das medidas concorrentes

alud 20 litros

arroba 16 quilos

meio de sal . 16 canastras de 600 quilos.

III - PRODUÇÃO E CONSUMO

Quadro IX

Produtos agrícolas			
Consumidos e não produzidos	Produções em quantidade insuficiente	Produções em excesso	Artigos importados necessários à agricultura
Arroz	Laranja	Batata	Adubos
Queijo	Trigo	Repolho	Fungicidas
farinha	Azeite	Tomate	Insecticidas
Carnes de: carneiro vaca	Cevada	Vinho	Bagnos de: rícino purgueira
		Sal	Ferragens
		Mortaliças	Lixos
		Leite	Pulha de trigo e outras
		Milho	
		Cerne de porco	
		Damascos	
		Piões	
		Ervilha em verde	
		Feijão " " etc.	

IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

A - Modalidades

Trigo - cereal obrigatoriamente entregue à Federação Nacional dos Produtores do Trigo, por intermédio dos Grémios de levantada.

Milho e cevada - o comércio pode revestir as seguintes modalidades:

- venda à Federação
- venda directa ao consumidor, em geral engordador de gado ouvino
- venda ao armazénista

Patata - é o principal produto agrícola deste concelho, dando toda a sua economia à volta dele.

O comércio reveste várias modalidades:

- venda directa ao retalhista, sobre cais de embarque ou camionete
- venda directa ao retalhista, sendo da conta do produtor os encargos até ao destino
- venda directa ao retalhista, no mercado abastecedor de Lisboa, na região designada por "venda nas Pedras"
- venda ao armazénista no local da produção.
- venda ao armazénista "nas Pedras"

- venda ao armazénista posto sobre cais da margem sul do Tejo
- venda para abastecimentos de barcos de pesca, navios, etc., por intermédio dum armazénista
- venda ao armazénista, por intermédio do Grémio de Lavoura, quando se verifica a intervenção daqueles organismos, a fim de regular o fluxo do produto a Lisboa.

Repolho - é o produto agrícola que apresenta interesse económico mais próximo da batata; o seu comércio pode revestir-se das modalidades seguintes:

- venda ao grossista no local de produção, a olho ou à "saca".
- venda ao retalhista no mercado de Lisboa, por intermédio dum mandatário, com todos os encargos por conta do produtor.

Vinho - O vinicultor entrega-o directamente ao retalhista ou ao armazénista. Quando a venda se torna difícil ou o preço não satisfaz, o produtor "abre o seu vinho" em venda directa ao público.

B - Mercados de destino e suas tendências

Ao mercado interno e local destinam-se o trigo, o vinho, a cevada, o milho, o repolho e grande parte da batata produzida. Da

batata, contudo, parte da produção tem, ou melhor, teve larga colocação no mercado externo, designadamente no Brasil, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, etc.. Estes mercados perderam-se excepto o da Bélgica.

No que se refere a tensões dos mercados consumidores só consideraremos a batata e o repolho, nas suas relações com os mercados, porque são os produtos agrícolas que oferecem interesse pelo volume das transacções.

Batata - Lisboa é o grande mercado consumidor onde afinal mais de 90% da sua colheita, é destinada os cobrantes 10% aos mercados externos, outros internos e locais.

Quando se inicia a colheita, em meados de Abril, o mercado interno encontra-se insuficientemente abastecido sendo os preços, nessa época, cooperadores, embora as produções sejam relativamente baixas. Com o decorrer do tempo os preços diminuem a tal ponto que quando o mercado se encontra saturado, sobretudo pela concorrência dos produtos de outras origens, chegam a descer abaixo dos de custo! facto que se verifica, em geral, por meados do mês seguinte até ao fim da colheita, em princípios de Julho.

Só o mercado Lisboeta tem exigências quanto a calibre e qualidade, para o que existe um serviço de fiscalização, em Lisboa, dependente da Junta Nacional das Frutas, que por vezes se desloca à margem Sul.

Quanto a batata de exploração os mercados actuais preferem tubérculos de polpa amarela, da colheita que se estende até aos

principais dias de Maio; no geral há grande dificuldade em conseguir as quantidades suficientes, porque as variedades temporais deste tipo são muito sensíveis ao frio, pelo que o agricultor evita quanto pode a sua plantação.

Benfogal - coro para a batata, o grande berendo é Lisboa, que absorve mais de 95% da colheita.

Nos principios de Julho principiam os envios e, como as quantidades são diminutas, os preços são compensadores, estando de colheita que se mantém até final de Setembro; já nos meses que seguem e até final de Janeiro, a venda não cobre os encargos de cultura, porque as quantidades oferecidas ultrapassam as necessidades. Esta situação agrava-se nos anos chuvosos, (Novembro e Dezenbro) para, de Janeiro até principios de Março, os preços se elevarem, por haver oferta escassa do produto em relacao à procura.

– Acção dos organismos associativos

No concelho há um Grémio de Lavoura, que substituiu o antigo Sindicato, tendo herdado dele uma tradição associativa que muito beneficiou no seu inicio e, até, a Lavoura.

Actualmente interfere obrigatoriamente no comércio do trigo, como representante da respectiva Federação Nacional e, eventualmente, no da cevada e milho. Da própria iniciativa adquiriu batatas-semente nos contros produtores para entregar aos es-

sociados nas melhores condições de preço.

Em colaboração com outros Grémios de Lavoura, de zonas onde a cultura da batata tem interesse económico regular o escoamento d'este tubérculo, de acordo com a orientação d'uma comissão constituida em Lisboa e que agrupa representantes da Lavoura, do Comércio, da Junta Nacional das Prataas, etc., quando os preços d'esses abaixo do determinado limite, considerado de prejuizo.

A função deste organismo no comércio dos produtos agrícolas - batata e rodelha - deve ser de total substituição do comerciante grossista; para isso, deveria possuir, no principal centro consumidor, um local para venda directa ao rotalhista. Seria óbvio obter-se que esta iniciativa devia ter o apoio dos Grémios das outras zonas produtoras.

A modificação mais necessária a dos actuais processos comerciais deve consistir na substituição ou alíudir do comerciante grossista, para o que é necessário constituir uma cooperativa de produtores, com actos suficientes para poder armazenar e conservar as quantidades sobrantes do produto até à comercialização do mesmo.

V - TRABALHO AGRÍCOLA

A - Salários

Quadro X

Salário médio, em dinheiro, nos anos de 1935 e 1939

Trabalhos	Salários		Obs.
	Homens	Mulheres	
<u>Vinhos:</u>			
Poda e espa	11\$00	-	
Trabalhos diversos	12\$00	5\$00	
Vindima	12\$00	6\$00	Homens de mais de 50 anos
<u>Batataia:</u>			
Plantação	16\$00	7\$00	
Aninhos	15\$00	7\$00	
Colheita	16\$00	7\$00	o 5 kg. de batata por homem
<u>Rapadura</u>			
Plantação	14\$00	6\$00	

Quadro XI

Salários médios, em dinheiro, nos anos de 1944 a 1948

Trabalhos	Salários		Obs.
	Homens	Mulheres	
Vindima	10800	12300	
Adegas	25800	-	
Caldeira	27800	-	
Carroceiros	18800	-	
Raccolheirar vinho	-	12800	
Preparação de terras	18600	12800	
Todo da vinta	(14800 (16600)	-	homens de mais de 50 anos
<u>Batata</u>			
Plantação	26800	18800	
Sachas, etc.	26800	20800	
Roga	26800	18800	
Cenouras, milho, feijão	26800	20800	e cinco kg. de ba- tata por hozem
Colheita da batata	304,00	20800	
Sulfatação da vinta	30800	-	
Inzofra	-	204,00	
Gadanhos feno	50800	-	
Plantação repolho	26800	18800	

A variação dos salários ao longo do ano depende da maior ou menor necessidade de efectuar cada um dos trabalhos e do interesse em os executar dentro do determinado período ou época. Este último facto só se observa durante a plantação e colheita de batata, porque o número de braços oferecidos é, em geral muito inferior aos procurados.

Horário de trabalho:

- desde o dia de "Praxezeo" (segunda-feira de Pascoela) até 8 de Setembro:

Início	- 2.00 a 1.45 horas depois do Sol nascido
Descanso para almoço - 1 hora	
Descanso para jantar - 2 horas	
Fim	- 0.20 horas após o Sol pôrto

- desde 8 de Setembro até ao dia de "Praxezeo"

Início	- 2.00 a 1.45 horas após o Sol nascido
Descanso para almoço - 1 hora	
Descanso para jantar - 1 hora	
Fim	- 0.20 horas após o Sol pôrto

Quadro XII

Horário médio de horas de trabalho

Mesos	Horas mé- dias con- saio do sol acima do hori- zonte	Horas de descanso	Horas de trabalho
Janeiro	9.47	4.00	5.47
Fevereiro	10.36	4.00	6.36
Mارço	11.54	4.000	7.54
Abril	13.50	4.00	9.30
Maio	14.26	5.00	9.16
Junho	14.40	5.00	9.40
Julho	14.35	6.00	8.35
Agosto	13.40	5.00	8.40
Setembro	12.27	4.00	8.27
Outubro	11.17	4.00	7.17
Novembro	10.00	4.00	6.00
Dezembro	9.32	4.00	5.32

B - Movimentos migratórios periódicos

Não há movimentos migratórios neste concelho.

C - Crises do trabalho

Só não dizer que nada existe e que se possa chamar crises novórias do trabalho durante o ano; contudo nota-se que este pode rarear durante alguns dias ou mesmo semanas, nos períodos compreendidos entre o fim das plantações de batata e repolho e a respetiva colheita.

VI - A ÁREA DE TERRENO E A VALORIZAÇÃO

A - Tipos de propriedade

Procura definir-se a extensão dos diversos tipos de propriedade existentes neste concelho pelo rendimento líquido que ao seu proprietário proporciona, quando explorada com as culturas mais frequentes da região, tendo em conta o próprio tipo paricular da propriedade, os solos mais comuns, o tipo de cultura, etc..

Para definir o tipo de proprietário, pequenissimo e pequeno, permis de princípio que qualquer colheita, ou indivíduos em idêntica situação, trabalha como assalariado durante cerca de 200 dias do ano, com salários correspondentes entre 10000 a 30000, o qual dará a média ponderada próxima de 25000.

Nestas, obtiveram-se os números inseridos no quadro seguinte

Quadro XIII
Tipos de propriedade

Tipo de propriedade	Solo	Cultura	Tipo de cultura	Área parcial m. q.	Área média m. q.	Percentagem
Pequenissimo	arenoso	Batata	sequeiro	até 8.000		
	"	idem e repolho	regadio	" 9.000		
	"	Vinha	-	" 10.000		
	"	outras	secueiro	" 25.000	até 12.000	5
Pequeno	arenoso	Batata	secueiro	15.000		
	"	idem e repolho	regadio	10.000		
	"	Vinha	-	18.000		
	"	outras	sequeiro	40.000	20.000	10
Médio	arenoso	Batata	secueiro	45.000		
	"	idem e repolho	regadio	30.000		
	"	Vinha	-	70.000		
	"	outras	sequeiro	80.000	56.000	60
Grande	arenoso	Batata	sequeiro	150.000		
	"	idem e repolho	regadio	100.000		
	"	Vinha	-	210.000		
	"	outras	secueiro	250.000		
	"	Mishal	-	500.000	300.000	25

Normalmente a pequenissima e pequena propriedade são constituidas por um só prédio; a grande, por número restrito de prédios, enquanto que a média é formada, em geral, por muitos pequenos prédios.

Os casos mais vulgares de propriedade imperfeita são as fideiras, notando-se tendência para a sua remisão.

B - Valores venais médios

Torna-se difícil indicar valores venais médios por hectare segundo as culturas e tipos de solos porque as raras transações efetuadas são globais, compreendendo terras regadas e de sequeiro, melhoramentos fundiários, construções, plantações, etc.. Procuramos, no entanto, dar idéia dos valores porque se venderiam determinados tipos de terra, de acordo com a cultura neles possível:

- Terra de sequeiro, própria para batata e milho, trigo, etc. 20.000\$00
- Terras de sequeiro, própria para ervilha, centeio, etc. 10.000\$00
- Terras de sequeiro, com humidade durante os primeiros meses de estio, permitindo a batata semi-cerônia, o milho, etc. 25.000\$00
- Terras regadas, com água todo o ano, embora exigindo elevação, em geral 25 a 30.000\$00

Para a determinação do valor de rendimento adoptámos a taxa de capitalização de 4%, encontrando os seguintes valores:

- Terras de aquecimento, de batata, milho, trigo, etc. 60.000\$00
- Terras de aquecimento, de ervilhe, canteiro, etc. 20.000\$00
- Terras de aquecimento, com unidade durante os meses do estio, permitindo o batata sardônia, e milho, etc. 30.000\$00
- Terras rugosas, com águas todo o ano, embora exigindo elevação, em geral. 90 a 120.000\$00

o que ficou expresso verifica-se haver grande diferença entre os valores verificados das rurais terras que se transaccionam e os respectivos valores de realimento; dando à taxa de capitalização adoptada se situa entre 4 e 5%; para que os valores se approximem é necessário utilizar uma taxa da ordem dos 10%.

No entanto, temos observado que os pretendentes à compra de terras nascem magriço e nela residentes, cujo único objectivo imediato é o rendimento do capital procuram que este corresponda a um juro compreendido entre 6% e 10%, não interessando a transacção quando possam resultar valores inferiores aos indicados.

C - Formas de exploração

Calculamos que mais de 75% da área total do concelho seja explorada por conta própria. Neste tipo de exploração o cultivador, empresário-proprietário, reside normalmente no concelho e,

em elevado número de casos, dentro de exploração, da que resulta mais eficiente administração dos bens próprios e melhor orientação dos trabalhos.

Os 29,1 soberanos são explorados por arrendamento; os contratos são verbais, na generalidade, ou por meio dum "escrito" de compromisso mútuo.

Há dois tipos de arrendamentos escritos, uns modernos e pouco frequentes, outros antigas e relativamente raras, em relação ao total. Nucleos, compreendem terras já sujeitas à cultura e a sua duração está comprendida entre 6 e 9 anos. Estes, foram efectuados com terras incultas, cobertas de mato, que o actual rendimento da época antecedentes destruiraram, plantando vinhos e fruteiros, dotarem de construções, etc., com prazos de arrendamento com recondidos entre 50 e 99 anos.

Tanto os contratos escritos como os verbais não renovados com frequência, embora actualizando o valor das rendas.

Verifica-se existirem explorações de arrendamento em todos os tipos de propriedade; a maior frequência nota-se na do tipo médio.

Os arrendamentos modernos compreendem em geral céleste terrenos campos, onde só podem fazer-se culturas arvenses, designadamente de batata, arvilia, etc..

Dos últimos anos as rendas apresentam tendência para subir e variam entre os seguintes limites aproximados:

- terras de sequirro, para ervilha e centeio 400\$000 a 600\$000
- " " " " batata e milho .. 800\$000 a 1.200\$000
- " " " regadio 1.100\$000 a 2.000\$000

As causas dominantes do regime de arrendamento podem resumir-se nos seguintes:

- preocupação de levar à cultiva as terras incultas, com o mínimo de encargos (como normal nos arrendamentos a longo prazo).
- divisão das terras entre herdeiros cujas actividades normais são estritas à agricultura.
- prejuízos causados em sucessivos anos de exploração, resultantes de baixas culturas ou de baixos preços dos produtos no mercado.
- fome da terra que leva a oferecer elevadas rendas.
- falta de capital circulante.
- perspectivas de elevados lucros na coltura da batata, oferecendo-se rendas superiores às correntes; é o caso de indivíduos sem tradições agrícolas.

Podemos afirmar que no concelho não há explorações de pazaria.

Na geral todas as culturas são exploradas na maior ou menor área em todos os tipos de propriedade; normalmente só se arrendam actualmente terrenos onde não há culturas permanentes.

Observa-se que não há diferenças a considerar entre as formas de exploração da terra e as respectivas produções. Exceptua-se a influência, sob este aspecto, da possível ausência de melhoramentos fundiários nas explorações instaladas em terras arrendadas, com contratos anuais, que não permitem a conveniente amortização.

Aquele facto resulta da produtividade das terras depender das dotações anuais de matéria orgânica, que o empresário, renâncio ou proprietário, se obriga a realizar por força das circunstâncias resultantes da baixa produtividade dos solos e da rápida decomposição e utilização dos fertilizantes orgânicos.

VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

A - Silos

No concelho não há silos destinados ao armazenamento de forragem; no entanto tem certo interesse se considerarmos que correspondem para elininar ou, pelo menos, atenuar em parte a crise alimentar que se verifica normalmente durante alguns meses do ano, e para melhor alimentar o elevado número de cabeças de gado bovino existente, tanto destinado à produção de leite como à rocria.

Debru o efectivo pecuário do concelho seja relativamente elevado, o número de cabeças por exploração é, em geral, restrito.

B - Nitreiros

Não há o que se possa designar por nitreiro mas, junto da cada exploração, existe sempre a montureira, onde se juntam as cascas do gado e todos os outros detritos orgânicos da exploração.

O seu uso tem interesse para o maior aproveitamento dos elementos fertilizantes provenientes da própria matéria orgânica, perdidos quando as fermentações são mal conduzidas e insuficientes ou cuidados dispensados.

Com estas construções, convenientemente localizadas, pode

aproveitar-se a totalidade dos objectos líquidos do gado da exploração e mesmo os humanos, das casas de habitação das proximidades.

Esta construção poderia constar dum simples pátio impermeável, em declive suave para a fossa, provido de cobertura económica, uma simples parreira ou qualquer outra planta trepadeira e ornamental, que proteja as cumeadas superficiais das ardências do sol do estio.

C - Alojamentos de animais

A maior parte do gado encontra-se estabelecido em dependências que não oferecem as mínimas condições tanto mais que muitas vezes foram adaptadas para tal sómente aproveitadas no dia em que pela primeira vez se adquiriu gado para a exploração. Era solução provisória que se tornou definitiva porque, em geral, as disponibilidades de capital são pequenas e há obras mais urgentes quando o saldo do fim do ano é positivo.

As deficiências técnicas em todos os estábulos são praticamente totais; quanto às sanitárias, outrotanto sucede. Nestas as principais podem resumir-se: é permeabilidade dos pavimentos, à falta de luz, do reboco das paredes, de arejamento, etc.. Se existem janelas ou frestas para arejamento estão, em geral, erradamente localizadas.

S E Q U I D A P A R T E :

I N Q U I S I C H O F L O R E S C A Z

I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

A - Importância e situação das espécies florestais

1 - A importância florestal do concelho de Moita, assim como de todos os outros da faixa margem do Tejo e que constituem o dito "Outra Banda", reside no valor que os produtos florestais, especialmente os lenhos e os ramos, atingem quer no mercado local quer no mercado interno, para serem utilizadas como combustível nas diversas indústrias.

Atribuimos à taxa de arborização do concelho um valor que anda, em média, à volta de 20% da área total.

O pinheiro bravo é a única espécie de importância a considerar, pois ocupa a quase totalidade da superfície dedicada à cultura florestal. Será a esta espécie, pois, que nos referiremos em todas as considerações a falar no decorrer do presente relatório.

Apresentamos seguidamente o quadro com os valores e percentagens das áreas agrícola, florestal e inculta:

Área agrícola, cerca de 3.732 ha. ... 72%

Área florestal, cerca de 1.037 ha. ... 20%

Áreas inculta e social 415 ha. ... 8%

Área total do concelho 5.184 ha. ... 100%

Deduza-se do quadro a grande predominância da área agrícola em relação às outras.

2 - Ao nanchas arborizadas distribuem-se duas mancira muito irregular pelas duas freguesias do concelho.

Os maiores núcleos de pinhal são os do Pinhal do Forno, Pinhal das Formas e do Pinheiro Furado. Além destes, ainda se encontram outros núcleos de menor dimensão, tais como, o pinhal da Quinta das Fontainhas, Boteiro Furado, etc..

Estes vários maciços localizam-se, numa mancira geral, entre os seguintes limites de cota: máxima 66 m. e mínima 10 m..

3 - Como já o dissemos anteriormente, a principal essência florestal indígena que vegeta no concelho é o pinheiro brevo.

Seria de todo a conveniência intensificar a cultura dos maciços existentes, pois encontram-se muito pouco arborizados, com bastantes clareiras, resultantes dos cortes desordenados e da regeneração ser efectuada sómente por semeadura artificial.

4 - Não existem essências exóticas, formando maciços florestais.

B - Importância e situação das essências dispersas ou constituintes de povoados da área muito reduzida

5 - Várias outras espécies vegetam no concelho como o sobreiro, o eucalipto, o choupo, etc., indicadas pela ordem decrescente da sua importância.

Estas essências não têm qualquer espécie de importância em relação à essência principal, pois a sua árvore é muito raluzida, em virtude de aparecerem em espécies de pequenas dimensões ou como árvores dioperas.

6 - Não encontrámos quaisquer indivíduos das diversas espécies florestais que pudessem merecer referência especial ou ser considerados como "árvores de interesse público".

7 - Não constatámos, também, a existência de parques ou arboretos de interesse botânico.

C - Importância económico-social da silvicultura

8 - A área ocupada pelos pinheiros do concelho pouco ultrapassa os 1.000 hectares da exploração dos quais se obtém, quase exclusivamente, lenha e resinas, empregadas como combustível em várias indústrias, visto serem estes os produtos que dão, actualmente, maior rendimento. O arvoredo com melhor formação é aproveitado para cestos de miras ou para postes telegráficos e telefónicos, e, só muito raramente, se obtêm madeiras, sempre de dimensões muito reduzidas.

O rendimento da exploração florestal deve ocupar uma posição muito inferior à exploração agrícola. Com a base nos elementos colhidos neste inquérito, poderemos computar, grosso-modo, em 1.000 contos cruais, o rendimento anual dos pinheiros do concelho, com nítida tendência para baixar, em virtude da intensa explora-

ção a que estão sujeitos.

A silvicultura não tem, pois importância de relevo na economia do concelho.

9 - Do ponto de vista social não tem a silvicultura, igualmente, importância de relevo a considerar, visto ser, relativamente reduzido o montante de salários pagos, anualmente, pela exploração florestal. A maior parte das indústrias florestais do concelho vivo da matéria prima proveniente de outros pontos do País, como, por exemplo, a indústria corticetra.

II - A PROPRIEDADE E A PROPRIEDADE FLORESTAL

A - Conceito regional de extensão da propriedade florestal

10 - Segundo o nosso modo de ver, o conceito de extensão de propriedade tem por base o rendimento.

Desta forma classificaremos em três tipos as propriedades florestais do concelho, grande, média e pequena, consoante o seu rendimento anual.

Grande propriedade - rendimento superior a 60.000\$00

Média propriedade - rendimento entre 60.000\$00 e 10.000\$00

Pequena propriedade - rendimento inferior a 10.000\$00.

Feitas estas considerações, terminaremos, dizendo que no concelho, predominam as grandes propriedades florestais.

As pequenas propriedades florestais são constituídas por pequenos pinheiros, que se podem considerar como reservas de capital, dentro da exploração agrícola de que fazem parte.

No que se refere à número de proprietários, predominam os pequenos.

B - Técnica cultural empregada

11 - Os pinheiros entram, muito cedo, em regime de exploração e toda a técnica cultural visa o máximo rendimento. A extrac-

ção do material lenhoso é realizada pelas seguintes operações: limpeza, desbaste e desrama.

Como as lenhas e ramas, que se destinam a combustível caiseiro ou à venda para a indústria têm bastante valor, as operações indicadas são levadas ao exagero.

12 - O regime de exploração predominante na silvicultura é o de conta própria.

13 - Há abundância de lenhas e ramas, sentindo-se falta de madeiras, principalmente das de qualidade.

A extração do material lenhoso é normalmente superior à capacidade de produção dos povoamentos.

Não se nota qualquer tendência para se fazerem novas sementeiras ou plantações. Geralmente, só se efectua a sementeira natural.

14 - Não existem no concelho explorações florestais organizadas, tanto particulares como colectivas ou do Estado.

15 - Como já dissemos os principais produtos obtidos dos pinhais são: a lenha, a rama e os esteios para minas, ou os postes telegráficos e telefónicos.

No entanto, são as ramas e as lenhas os produtos de venda mais fácil.

Os proprietários de pinhal só muito raramente obtêm madeira e, neste caso, é quase sempre de pequenas dimensões, servindo

sómente para caixotaria e pouco mais.

Em nosso opinião deveria intensificar-se a cultura, arborizado as clareiras existentes, da maneira a obterem-se as maiores produções com haver necessidade de extração anormal do material lenhoso, como actualmente se faz, podendo obter-se, desta forma os mesmos rendimentos actuais visto se aumentar o número de indivíduos por unidade de superfície. Além disso seria natural que se conseguissem pinheiros com maiores dimensões, e a quais poderiam produzir madeiras de boa qualidade para as indústrias que delas necessitam sem terem que recorrer à importação.

16 - As produções médias unitárias dos diferentes produtos florestais do concelho, são bastante difíceis de avaliar pois não existem explorações organizadas. Todavia, como resultado dos inquéritos feitos, conseguimos os resultados seguintes:

Lento, aproximadamente ... 5 met. cub./ha.

Rama, " " ... 10 talhos/ha.

Zoros, " " ... 4 ton./ha..

Cada talho de rama é constituído por 60 molhos.

17 - No que se refere a preços dos diversos produtos florestais do concelho, verificamos que eles são sensivelmente os mesmos de todo oeste região da "Outra Bande".

Lento, à volta de 60000/estere

Rama, " " " 25000 - 30000/talho

Zoros, " " " 25000/m. c.

18 - O concelho tem muita indústria ligada à exploração florestal, vivendo, contudo, dos produtos importados da região vinha, alentejana, principalmente a cortiça. Damos seguidamente uma lista das actividades industriais e comerciais concelhias que trabalham com matéria prima de natureza florestal.

FÁBRICAS DE CORTIÇA QUE SE DESVOLVEM EM ACTIVIDADES E INTERESSADAS NO CONCELHO DA MOTA (Segundo elementos fornecidos pela A.E.C.)

Firma exploradora	Local	Actividade
Agostinho de R. Lopes e Virgílio L. Barrote	Vale do Grou, Alhos Vedros	Preparadora
Alberto Morgado	Av. da Bala Raia, "	Prep. e transfr.
Aldeniro R. Mi- ro, Idt.	Retrada Nacional, "	" " "
António A. Guerreiro	Largo da Estação, "	Preparadora
Corça - Fábrica de A Cortiça, Idta	Qº de S. Pedro, "	Transferendora
Corcheria Portu- guesa, Idta	R. Miguel Bombarda, "	Preparadora
Corcheria Portu- guesa, Idta	R. do Cais, "	Prep. e transfr.
Correia, Branco e Nunes	Vale do Grou, "	Preparadora
Custódio Ventura	R. do Cais	Transferendora
E.S. Brito & Irmão	R. do Rosário, 47, Moita	Prep. e transfr.
Figmino Louro	R. do Cais, Alhos Vedros	Transferendora

Firma exploradora	Local	Actividade
Francisco Afonso Madeira	R. do Coia, Alhos Vedros	Preparadora
Francisco " " Madeira	Campos da Vila, Alhos Vedros	"
Hipólito Magalhães	R. de São Roque, " "	Transformadora
Inácio dos R. Correia	" " " " "	"
J. Brito Caiado, Ltda.	Alto Boirro, Alhos Vedros	Preparadora
J. & J. Correia, Ltda.	Port. Nacional, " "	"
J. H. Sanchez Filhos, Ltda.	Alto Boirro, " "	"
J. V. Vale, Jr. Junior	• Fazenda dos Reis, Alhos Vedros	Prop. e transf.
João Calvário	R. do Rosário, Moita	Transformadora
João P. de Brito	Entrada Nacional, Alhos Vedros	"
João J. Sandoval	Alto Boirro, " "	Prop. e transf.
Joaquim de R. Caiado	R. Cândido dos Reis, Alhos Vedros	Preparadora
José D. Sanchez	Sítio das Marcões, Alhos Vedros	Transformadora
Joaquim P. G. Guerreiro	Alto Boirro, Alhos Vedros	Preparadora
José R. Caiado Jr.	R. Cândido dos Reis Alhos Vedros	"

Firma exploradora	Local	Actividade
José B. Encizento	Alto Bairro, Alhos Vedros	Preparadora
José B.	Largo da Graga, " "	"
José C. Cabrita Junior & Iraílo	R. Afonso Henriques, Alhos Vedros	Prep. e transf.
José Inácio & Fia.	Sítio das Gazeas, " "	Preparadora
José S. Serra Jún.	Sítio do Cerrado, " "	"
Manuel de Brito Jún.	Alto Bairro, " "	"
Manuel Gintre Pa- ruíco	Trav. da Sociedade, Alhos Vedros	Transformadora
Manuel Jesus Jún.	Bat. da Moita, " "	Preparadora
Manuel Pereira Viegas	Bat. Nacional, " "	Prep. e transf.
Manuel Sousa Serro	Vale do Grou, " "	Preparadora
Mário Iba	R. Afonso Henriques, Alhos Vedros	Transformadora
Mário Sousa Botelho	Cruz do Cura, " "	"
Neves & Sancho	Vale do Grou, " "	Preparadora
Rui J. Rosa Ma- deiro	Largo do Cais, " "	Transformadora
Sóvel Viega Rosa	Quinta de D. Joana, Alhos Vedros	"
Sebastião R. Miro	Bat. Nacional, " "	"
Soc. Com. Alcori, Ltda.	Sítio das Mercês, Alhos Vedros	Preparadora
Socoropex, Ltda.	Junto à Estação de C. de Ferro, Moita	Prep. e transf.
Vencedora Corti- ceira	R. D. à Av. Bela Rosa, Alhos Vedros	Preparadora

MICRUPADAS

Firma exploradora	Local	actividade
A. Botelho, Itde.	R. Almírento Teis, Alhos Vedros	Transformadora
João Culvário	Alto de S. Sebastião, Moita	"
João D. Sancho Jún.	Largo da Graça, Alhos Vedros	Preparadora
João Viegas Neto	Pátio Gago da Silva, Alhos Vedros	Transformadora
João Brito Pinto	Alto Bairro, Alhos Vedros	Preparadora
Joaquim Fonseca Nunes	Largo do Ceis, Alhos Vedros	Transformadora
José M. Guerreiro	Largo do Ceis, Alhos Vedros	"
Júlio das Neves	Provesan do Palmeirão, Alhos Vedros	"
Manel S. Gonçalves	Largo Teófilo Braga, Alhos Vedros	"
Mano Guerreiro Silva	Largo da Estação, Alhos Vedros	Preparadora

REGISTO DA LISTA DE ASSINATURAS

António Rodrigues Pinto

António Sáñez dos Santos

Frederico Rodrigues Pinto

Isidoro Sáñez dos Santos

José Rodrigues Pinto

ESTÂNCIAS DE MADRAS

Eduardo Pereira
Joaquim Daniel de Almeida Pereira
Joaquim dos Santos
José Vieira da Silva
José Balceiro Fraga - Alhos Vedros

HIGOCIAIS DE MADRAS

António Rodrigues Pinto
António Simões dos Santos
Domingos Miranda
Frederico Rodrigues Pinto
José Rodrigues Pinto

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Joaquim dos Santos
José Vieira da Silva
José Balceiro Fraga

TAMALQUIROS

Custódio da Silva

SANGRIAS

António Domingos Gonçalves - Alhos Vedros
Jorge Rodrigues da Silva

FÁBRICAS DE VARGAS

Artur da Costa Cruz

19 - Os produtos resultantes da exploração florestal do concelho, têm os seguintes destinos:

Baleiras - as poucas que, porventura, aparecem destinam-se ao consumo local. Só excepcionalmente são enviadas para o mercado interno.

Toros - destinam-se na sua quasi totalidade para a exportação. As quantidades que se não exportam são consumidas no mercado interno.

Lentas e rama - o maior percentagem destes produtos é consumida no local, sendo o resto para o mercado interno.

Cortiças - as pequenissimas quantidades (as se produzem) são destinadas à indústria nacional, que depois as exporta.

20 - A mão de obra empregada na exploração florestal do concelho é a seguinte:

Um homem produz por dia de trabalho cerca de:

- a)-4 a 5 toneladas de esteicos para minas, lenha ou madeira;
- b)-4 a 5 talhas de rama;
- c)-700 kg. de cepos;
- d)-250 paverias de coto, atados.

A época predominante para estes trabalhos é a que vai de Abril até Setembro. Geralmente os trabalhos são feitos por empreitada e os salários são os seguintes:

Serrador,	cerca de	50000
Trabalhador,"	"	27000
Mulher,	" "	15000
Rapaz,	" "	13000

21 - Não existe, pode dizer-se, organização na indústria nem no comércio dos produtos florestais.

A indústria corticeira e o comércio dos seus produtos estão, mais ou menos, sujeitos à orientação da Junta Nacional da Cortiça, contudo esta indústria não vive dos produtos do conceito. Todas as indústrias vivem à margem da lei da oferta e da procura.

22- Não nos percebemos que haja necessidade em qualquer modificação nos sistemas actuais de organização industrial ou de comercialização dos produtos florestais.

III - ARBORIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, INCULTOS E BALDÍOS

A - Transformação cultural

23- Os pinheiros estão, perfeitamente adaptados ao meio onde vegetam. Em nosso entender não nos parece que haja vantagem económica ou social na redução da actual área florestal, a fim de submeter maior superfície à cultura agrícola. Pelo contrário a intensificação da cultura florestal, especialmente onde os povoados se encontram mais claros, seria a técnica mais aconselhada para o fomento silvícola do concelho.

B - Incultos

24 - A área de incultos com aptidão florestal é muito pequena ou quase nula, pois no total não deverá ir além de uns 3% da superfície do concelho.

25 - A arborização das várias parcelas de terreno inculto, espalhadas pelo concelho é obra que se impõe por todos os motivos.

26 - Supomos não haver grandes dificuldades na sua realização, desde que, previamente, se faça a propaganda das vantagens resultantes dessa arborização e se prestem todos os esclarecimentos e assistência técnica necessários ao fim em vista.

C - Baldios (27, 28 e 29)

Não constatámos a existência de baldios no concelho.

IV - FIXAÇÃO DOS TERRENOS EROSIONADOS - CONCLUSÃO OFICIAL
(30, 31, 32, 33 e 34)

A erosão não tem aspectos de qualquer gravidade. A orografia limita o fenômeno erosivo a uma seção de natureza "Inserir". Pelo arrastamento, embora lento, das camadas do solo arável os terrenos vão-se empobrecendo cada vez mais. Para combater esse empobrecimento, torna-se necessário recorrer a estruções e adubações maciças, pois os terrenos deste região, devido às suas características pedológicas necessitam de fortes estruções para poderem produzir, satisfatoriamente.

Nas zonas arborizadas e onde existe alguma vegetação rasteira, a erosão não se faz sentir tão nitidamente, como nas sujeitas à cultura agrícola, para o que contribui a forma de exploração, que é a jardinagem e a relativa facilidade da regeneração do arvoredo.

Os lenhos são extraídos duma maneira muito desordenada pelas populações locais para combustível caseiro, combustível industrial ou para casas de gado.

Todos os efeitos nocivos da erosão superficial desaparecerão ou, pelo menos, atenuar-se-ão grandemente, desde que se proceda de acordo com a moderna técnica de conservação do solo, isto é, desde que se proceda ao revestimento conveniente dos terrenos dedicados à cultura florestal e actualmente desprotegidos,

e de sorte que a cultura agrícola se faça também em conformidade com a técnica mais aconselhável no meio agrário.

Feito isto, não é necessário o recurso a quaisquer obras de correção torrencial visto que a erosão fica totalmente combatida com os trabalhos acima indicados.

V - ASSUNTOS DIVERGOG

35 - No movimento comercial de produtos florestais tem lugar de primordial importância a cortiça.

36 - Não existem, no concelho, viveiros florestais de qualquer natureza.

37 - A fauna dos rios ou ribeiros do concelho, não tem qualquer interesse sob o ponto de vista piscícola, visto que não existem cursos de água de carácter permanente.

38 - Das pragas ou epítitos assimilaremos apenas, a processional, mas com pouco importância.

39 - Não é de assinalar devastações em quaisquer espécies florestais.

40 - Não se pratica a resinação no concelho.

41 - A prática da arraia não é vulgar no concelho, embora, por vezes, se encontre um ou outro sobreiro onde ela teve lugar.

42 - O descortiçamento dos sobreiros do concelho, pode dizer-se que é bem conduzido.

43 - Na nossa opinião não se tornaria eficiente, no concelho, o aumento do número de árvores de criação de cortiça com o fim de melhorar a sua qualidade. Do entanto, sómente depois de efec-

tudos trabalhos experimentais nesse sentido, se poderia dizer qualquer coisa de definitivo sobre o assunto.

44 - Não existem no concelho espécies florestais, em quantidade, que possam desempenhar ou possam vir a desempenhar complemento indispensável na exploração de prados (pastos arbóreos).

TERCERIA PARTE

OS PROBLEMAS DO CONCRETO

Quem se interessa pelos problemas agrícolas nacionais sabe que a região da Outra-Banda compreendida entre o rio Coim e a ribeira das Enguias é especializada nas culturas da batata e das hortaliças, designadamente repolho e couva flor, devendo destacar-se dentro dela, pela sua importância relativa, a da Moita, sub-região que compreende a área do concelho que lhe dá o nome e extensas manchas, do concelho de Palmela, Montijo, Alcochete e Borreiro. O nome por que é conhecida resulta de ser tradicional o escoamento dos produtos agrícolas da região pelos portos fluviais do concelho da Moita e, ainda, de grande número dos possuidores de aquelas terras nele residir.

No conjunto este sub-região constitui uma interessante unidade económica, com problemas comuns, que necessitam urgente e conveniente solução.

Procuraremos enunciá-los resumidamente, pela ordem que nos parece de solução mais oportuna.

I - ARMAZENAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO

Abrangendo esta rubrica o armazenamento, conservação, frigorificação e comercialização de produtos, o desenvolvimento destes assuntos daria quatro extensíssimos capítulos, para tratá-los com o pormenor que a sua importância actual requer, sobretudo pelo interesse que tem para a agricultura e economia deste concelho em particular. Limitar-nos-emos porém, a dizer que de um modo geral a exploração agrícola da sub-região da Moita só deixará de ter o aspecto eleitorio presente quando for modificada a forma actual de comercialização dos seus principais produtos agrícolas e que, também, o êxito depende fundamentalmente de um conveniente armazenamento.

A modificação dos processos comerciais dos produtos mais importantes pode conseguir-se por meio luma cooperativa de produtores, organizada em moldes tais que procure doutrinar naqueles princípios os interessados directos e a cooperação doutrina e zona produtoras por intermédio de semelhantes associações, federadas de tal modo que os princípios básicos não sejam alterados a bel-talento de qualquer oportunista habilidoso.

O ordenamento comercial depende intimamente da solução da dos problemas de armazenamento e conservação. Daqui se conclui que a conveniente solução de problema comercial depende directamente de forma como for solucionado o da conservação.

Estamos convencidos que a contingência da actual forma de conservação de aqueles produtos agrícolas só desaparecerá quando se utilizarem racional e economicamente as possibilidades que o fim industrial oferece.

III - FOLHETO ECONÓMICO DA PRODUÇÃO

Quando os produtos agrícolas desta região se encontram em concorrência com os de outras origens no principal mercado consumidor, verifica-se, em geral, aqueles beneficiarem dum preço de custo marginal inferior, que lhes permite concorrer favoravelmente com estes. Resulta este facto de efluírem daquele mercado produtos originários de zonas de custo muito disseminados.

Para terminar com esta situação de desequilíbrio, desfavorável a esta sub-região, ou melhor, a toda a região da "Outra-Borda", necessário se torna enveredar por caminhos que possam conduzir ao enbaratecimento da produção sem recorrer a processos de solução artificial, que invariavelmente conduzem, a curto ou longo prazo, a precários resultados.

A diminuição do custo de produção tem de obter-se pelo diminuição dos encargos e pelo aumento das produções unitárias.

Deste modo a solução do problema está subordinada à que for daí aos problemas básicos da região.

III - MATÉRIA ORGÂNICA

A constituição física e química e a actividade biológica destes solos agrícolas, em face do clima e da intensificação cultural a que estão sujeitos, implicam a necessidade de incorporar avultados e frequentes fertilizantes de origem orgânica, tendo a necessidade de dispor destes materiais em quantidades suficientes para manter ou aumentar, nesse, o actual nível de produtividade.

A matéria orgânica necessária importa-se de Lisboa, sob a forma de lixos, de barco.

As necessidades médias, por hectare, de matéria orgânica de 2 origens, lixos ou cestumes e bagagens são indicadas abaixo, por tipo de solo, de cultura, etc..

Culturas	Tipo de cultura	Quantidades: Toneladas		Euro- cômo do fer- tiliza- ção	Observações
		Lixo co estruno	Bagag- ço		
Batata-zeppelin	regadio	40 a 50	3,5	1 ano	2 ou mais culturas
Batata-milho	cegueiro	25 a 30	2,5	1 ano	1 ou 2 culturas
Brócolis	"	10 a 12	-	1 ano	1 cultura
Vista	"	15 a 20	-	4 anos	não inclui cultura intercalar.

A tendência que se verifica para o aumento da área beneficiada da utilização do lixo de Lisboa principia a preocupar o abastecimento desta sub-região: no dia em que cesarem ou diminuir o fornecimento daquele tipo de matéria orgânica esta mancha agrícola cairá rapidamente, na ruína e na miséria, através dum grave problema de ordem social a dentro, não menos grave, de ordens económicas, aquela de interesses locais a este, nacionais.

A única solução parece ser a de se constituir um organismo associativo, agrupando todos os lavradores interessados daquela ribeirinha da margem sul do Tejo que tenham a sua exploração agrícola baseada no emprego de lixo, sob o qual não é possível cultivar economicamente. Tendo como principal mecanismo adquirir o exclusivo da compra, transporte e venda, concorreria por solicitar a zona com prioridade de abastecimento. Deve estabelecer os preços da aquisição na origem, de acordo com o seu valor intrínseco, relacionando com as culturas a que principalmente se destinam.

O alongamento da área beneficiada seria função das disponibilidades, a partir das cobras de tradicional zona abastecida procurando, no princípio, interessar na sua utilização as culturas arvenses e os pomares.

Deste modo se concorreria para a diminuição dos encargos das culturas principais.

IV - MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

A agricultura regional deve enveredar pelo caminho da mecanização para efectuar determinados trabalhos, evitando encargos dum tipo de obra em geral incompatível com o valor dos produtos agrícolas, facto que resulta da existência, na região, dum prospere e numerosa indústria.

Para conseguir os objectivos da mecanização é que escoitar a máquina e suas oficinas e estudar a sua melhor adaptação às várias condições do meio - tipos de exploração, culturas, características do solo, etc..

V - ÁGUAS

Com água para rega em quantidade suficiente conseguia-se, normalmente, regular a produção de grande número de culturas e, te facto, assinalado desde que o homem se fixou para cultivar com solução de continuidade, a mesma terra, esteve em muitas regiões agrícolas do país quase esquecido, embora os técnicos agrícolas a ele se referissem com frequência, quando se tornava necessário.

Nos últimos anos verificou-se neste região o que se pode designar "corrida" para a água de rega, de que resultou ser implementado o regadio em algumas centenas de hectares; mas ainda não é tudo porque, neste capítulo, muito mais há a realizar.

Levando ao regadio mais termos de sequeiro atinge-se o que se jada objectivo de diminuir preços da cesta, pelo aumento da produção unitária e, ainda, pela diminuição dos riscos. O maior risco das culturas em terras de sequeiro provém, como é óbvio, da falta de humidade no solo durante o ciclo evolutivo da planta e, designadamente, nos períodos de crise fisiológica.

Para aumentar a actual área regada só há a contar com poços ou furos.

VI - VIAS DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTES

Considera-se que o transporte em barco é o mais económico; contudo, verifica-se que para os produtos agrícolas saídos desse concelho, com destino ao mercado da Lisboa, é o actualmente mais oneroso.

Urge resolver o problema dos transportes, por terra, dos mercadorias que da região saem para o seu mercado, de modo a diminuir o peso dos encargos; a solução está na reparação conveniente das estradas que conduzem ao cais de Socilhas, designadamente entre a vila da Moita e Palmeira, no concelho do Barreiro, passando por Santo António da Serra, e na minimização dos encargos dos transportes de veículos nos ferry-boat, de ligação das duas margens.

Para complementar a actual rede de estradas e solucionar o problema das comunicações, (dificuldade pelas características dos solos, facilmente segregáveis que oferecem enorme dificuldade à passagem dos veículos de tração animal e impossibilitam, dentro de certos limites, a aceleração) não necessidade de construir duas vias, com as características das estradas nacionais, uma para unir a Península no concelho do Barreiro, com os lugares das Formas, na estrada Moita a Palmeira, continuando até ao Zerrim onde cruzará, com outra a construir nas mesmas condições, que deve ter início na vila da Moita e dirigir-se para o Pintel Novo para continuar

até Águes de Moura. Esta última seguirá o traçado aproximado da antiga via romana de Ilíchen a Cádis, designada ainda hoje por "estrada dos espanhóis". Este conjunto de troços se estende e curtará extraordinariamente as distâncias entre as do estuário do Tejo, situadas na margem sul e a mais rica mancha agrícola situada na península de Setúbal, etc..

VII - PROBLEMAS DIVERSOS

Além dos problemas apontados outras há que pedem solução uns que, pelo seu carácter geral, se aplicam a quase todo o país, pelo que nos limitemos a enunciá-los sómente:

- a) - auxílio financeiro
- b) - assistência técnica.